

Metamorfoses simbiopoiéticas em Paul B. Preciado. De sujeitos a simbioses políticos

Symbiopoietic metamorphosis in Paul B. Preciado. From subjects to political symbionts

Bryan Axt

RESUMO

Este artigo investiga as diferentes concepções de “Sujeito” de acordo com o corpus teórico do filósofo Paul B. Preciado. As categorias analisadas são: os processos subjetivos e técnicos de sujeição social e servidão maquínica na era farmacopornográfica; o sujeito Playboy e petrosexorracial; a Multidão, seus múltiplos devires e as micropolíticas de resistência à opressão; a metamorfose dos sujeitos em agentes revolucionários e os simbioses políticos, postulados por Preciado em seu mais recente livro publicado, *Dysphoria mundi*. Como Preciado articula todas estas concepções, considerando ainda as linhas de fuga da submissão, isto é, o horizonte filosófico de resistência onto-epístemo-política, metamorfose e até a possível superação da *dominação capitalística*? Os procedimentos metodológicos foram baseados na pesquisa bibliográfica (livros, artigos e crônicas), de modo a evidenciar o contraste, as semelhanças, diferenças e interstícios entre a teoria de Preciado e as suas principais referências. Os resultados obtidos indicam uma linearidade consistente entre-categorias, os desafios em materializar as teorias revolucionárias na realidade cotidiana, bem como estratégias práticas que contribuem para a organização ontopolítica proposta por Preciado.

Palavras-chave: Ontologia; Sujeito; Filosofia política; Resistência à opressão; simbioses políticos.

Bryan Axt 

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Brasil. bryan.axt@pucpr.edu.br

ABSTRACT

This article investigates the different conceptions of “Subject” according to the theoretical *corpus* of the philosopher Paul B. Preciado. The analyzed categories are: the subjective and technical processes of social subjection and machinic enslavement in the pharmacopornographic era; the *Playboy* and petrosexracial subject; the Multitud, its multiple becomings and the micropolitics of resistance to oppression; the metamorphosis of subjects into revolutionary agents and political symbionts, postulated by Preciado in his most recent published book, *Dysphoria mundi*. How does Preciado articulate all these conceptions, also considering the lines of flight of submission, that is, the philosophical horizon of onto-epistemo-political resistance, metamorphosis and even the possible overcoming of capitalistic domination? The methodological procedures were based on bibliographical research (books, articles and chronicles), in order to highlight the contrast, similarities, differences and interstices between Preciado’s theory and his main references. The results obtained indicate a consistent linearity between categories, the challenges in materializing revolutionary theories in everyday reality, as well as practical strategies that contribute to the ontopolitical organization proposed by Preciado.

Keywords: Ontology; Subject; Political philosophy; Resistance to oppression; political symbionts.

RESUMEN

Este artículo investiga las diferentes concepciones de “Sujeto” según el corpus teórico del filósofo Paul B. Preciado. Las categorías analizadas son: los procesos subjetivos y técnicos de sujeción social y servidumbre maquínica en la era farmacopornográfica; el sujeto *Playboy* y petrosexoracial; la Multitud, su múltiple devenir y la micropolítica de la resistencia a la opresión; la metamorfosis de los sujetos en agentes revolucionarios y los simbioses políticos, postulados por Preciado en su libro de más reciente publicación, *Dysphoria mundi*. ¿Cómo articula Preciado todas estas concepciones, considerando también las líneas de fuga de la sumisión, es decir, el horizonte filosófico de la resistencia onto-epistémico-política, la metamorfosis e incluso la posible superación de la dominación capitalista? Los procedimientos metodológicos se basaron en la investigación bibliográfica (libros, artículos y crónicas) para destacar el contraste, las semejanzas, diferencias e intersticios entre la teoría de Preciado y sus principales referencias. Los resultados obtenidos indican una linealidad consistente entre las categorías, los desafíos en la materialización de las teorías revolucionarias en la realidad cotidiana, así como las estrategias prácticas que contribuyen a la organización ontopolítica propuesta por Preciado.

Palabras clave: Ontología; Sujeto; Filosofía política; Resistencia a la opresión; Simbioses políticos.

1. Introdução

Este artigo se trata de uma imersão ontopolítica na teoria do ativista e filósofo Paul B. Preciado, que busca identificar as diferentes concepções de “Sujeito” em seu *corpus* teórico. Algumas das categorias a serem analisadas são “sujeição social”, “servidão maquínica”, “sujeito *Playboy*” e “petrosexorracial”, bem como a “Multidão”, com seus múltiplos devires e suas micropolíticas de resistência à opressão, e, por último, a de “simbioses políticos”. De um lado, categorias que abordam a submissão aos regimes cis-heteropatriarcais e neocoloniais de poder, ao capitalismo e à farmacopornografia. Do outro, categorias que abordam linhas de fuga da submissão e refletem sobre a emancipação dos sujeitos, a metamorfose e os agentes da revolução. Esta imersão cartográfica se faz necessária para esclarecer os contextos diversos em que Preciado utiliza estas categorias, pois a noção de sujeito e seus desdobramentos nos chega por intermédio do autor, sem que Preciado apresente necessariamente uma análise da categoria em si. O que indica a necessidade de uma

leitura prévia ou então de uma hermenêutica própria para interpretar o que é este sujeito e como ele é forjado antes de aparecer na teoria de Preciado, seja em processos de sujeição ou dessujeição.

Como ferramenta exegetica, se propõe um retorno às obras de Judith Butler, Michael Hardt e Antonio Negri para analisar a categoria sujeito e seus desdobramentos na teoria preciadiana. As obras de Butler, especialmente as publicadas de 1987 a 2000, são dedicadas a investigar em detalhes os processos de atribuição de subjetividades e marcadores identitários, a continuidade performativa, a regulação e a correção da coerência entre sexo-gênero-desejo. Do mesmo modo, as obras de Michael Hardt e Antonio Negri são dedicadas a investigar os mecanismos de dominação capitalística e as estratégias de resistência, presentes neste campo fenomênico de insubordinação, de onde Preciado extrai o conceito de Multidão, primeiramente compreendida como o “sujeito político contemporâneo” e, posteriormente, não mais como sujeito, mas sim como singularidade multitudinária, metamorfoseante.

A partir desta análise cartográfica e hermenêutica, se buscará organizar a partir da teoria de Preciado uma sorte de linearidade para as reflexões sobre o sujeito, que se dispõem de modo oblíquo e rizomático ao longo da sua produção filosófica devido ao seu estilo de escrita, que é ensaístico, experimental e auto-bio-biblio-gráfico. Precisamente devido ao seu estilo, há uma linha muito tênue entre a teoria e a prática, o que pode ser interpretado como um distanciamento da realidade cotidiana quando chega às múltiplas frentes de resistência sociopolítica.

Antes de mais nada, neste artigo se compreende que a estrutura conceitual da farmacopornografia pode ser organizada em pelo menos três diferentes investigações: (i) a primeira diz respeito a uma atualização do vocabulário neomarxista e pós-fordista, que Preciado articula em escritos embrionários da farmacopornografia, para abordar os regimes de dominação e exploração na contemporaneidade; (ii) a segunda diz respeito a uma investigação que relaciona o capitalismo, o biopoder e a sexopolítica, dentre outras noções, com o intuito de compreender como estes incidem sobre sujeitos, indivíduos, em suas continuidades performativo-prostéticas, na fixação de suas psiquês, desejos, apegos e repulsas, identidades, sexos, gêneros e sexualidades, corpos, discursos e práticas sexuais; (iii) e a terceira, que diz respeito a fomentar a criação coletiva de práticas subversivas de resistência e revolução somática, cotidiana, com o intuito de desestabilizar o sistema farmacopornográfico.

Também vale pontuar que em *Manifesto Contrassexual* (2014), obra inaugural de Preciado, o autor convida a todxs a colapsar a categoria de sujeito para, em seu lugar, algo-outro surgir. No *Manifesto*, as principais problematizações acerca da categoria “Sujeito” estão relacionadas às críticas ao sujeito do feminismo e às obras de Michel Foucault e Judith Butler. Para isso, propõe o primeiro deslocamento subversivo na busca pela superação da categoria “sujeito”: romper com os atuais mecanismos de reconhecimento de sexo-gênero e assumir novos códigos de reconhecimento enquanto “corpos falantes”, para assim obliterar a “máquina de produção ontológica” e “invocação performativa do sujeito como corpo sexuado” (Preciado, 2014, p. 28).

Preciado (2014) ainda faz duas acusações a Butler. Na primeira, afirma que, de certa forma, em *Corpos que Importam* (2019) Butler encobre a análise do dildo – esta figura de linguagem utilizada por Preciado para tratar da “plasticidade, transferibilidade e expropriabilidade” dos códigos de sexo-gênero – com “perguntas aparentemente mais dignas e filosóficas sobre o estatuto do sujeito, do poder e do desejo sexual lésbicos”. E, na segunda acusação, Preciado (2014, pp. 93-95) afirma que Butler de certa forma promove um “construtivismo de gênero” e se desfaz “prematuramente do corpo e da sexualidade”. Apesar disso, Preciado não descarta a noção de performatividade de gênero. Bem pelo contrário. O autor se vale de elementos da teoria butleriana para elaborar a sua tese acerca da produção tecnológica da carne, que perpassa pela matriz contínua de hibridização (Cabral, 2007; Rucovsky, 2016) e pela própria noção de gênero prostético que, como se compreende aqui, é de fato performativo-prostético. Estes argumentos críticos e ácidos, vale defender, são injustos, pois Preciado já tinha acesso às obras, como *Corpos que Importam* (2019), *Discurso de ódio* (2021a, que foi traduzida por Preciado e Javier Sáez ao castelhano) e *Desfazendo gênero* (2022a), em que Butler não só reconhece as críticas recebidas após a publicação de *Problemas de gênero*, como reformula a teoria da performatividade para dar conta dos processos de materialização e carnalização de gêneros, sexos e sujeitos. Devido a isso, mas principalmente por Preciado não aprofundar a análise da categoria sujeito em *Manifesto Contrassexual*, este livro teve menos destaque no decorrer da pesquisa.

Em suma, esta se trata de uma pesquisa bibliográfica, norteadas pelos livros *Manifesto Contrassexual* (2014), *Testo Junkie* (2018a), *Pornotopia* (2020a), *Um apartamento em Urano* (2019) e *Dysphoria mundi* (2022), pelos artigos *Savoirs_Vampires@War* (2005), *Pharmaco-pornographic Politics: towards a new gender ecology* (2008a), *Biopolítica del género* (2008b), *Multidões queer* (2011) e pelas crônicas publicadas pelo autor. E o que se problematiza e especificamente se objetiva neste artigo é: o que Preciado compreende por “Sujeito”, quais são os usos desta categoria em sua teoria e como o autor articula seus desdobramentos conceituais para pensar em linhas de fuga da submissão onto-epístemopolítica, postular processos de metamorfose e, até mesmo, a possível superação da dominação capitalística?

2. Da sujeição social à servidão maquínica

A ontologia corporal butleriana se tornou um dos pilares mais sólidos a sustentar os argumentos de Preciado acerca do assujeitamento na era farmacopornográfica e da emancipação das singularidades onto-epístemopolíticas. É com a sua tese – *Subjects of Desire: Hegelian Reflections In Twentieth-Century France* (1987) – que Butler inaugura a sua teorização sobre o sujeito, os poderes que colocam em curso os processos de sujeição e as ambiguidades que se apresentam em alguns destes conceitos, o que resultará, alguns anos depois, na teorização da performatividade de gênero, que postula a feitura e a continuidade performativa dos sujeitos tendo como principal elemento o gênero, que é a gênese da dominação ontológica e política, esta que contamina toda a produção de saberes.

Se compreende, com base nas obras *Problemas de Gênero* (2016), *Corpos que Importam* (2017) e principalmente *A vida psíquica do poder* (2019), que para se produzir um sujeito é necessário que haja, previamente, um conjunto de normas e sanções culturais, inteligíveis sob o qual este sujeito será inaugurado e assujeitado. O gênero é um destes conjuntos de atributos, mesmo não sendo substantivo. A sua performatividade, isto é, a constituição da identidade que supostamente se é, mediante a repetição de atos, gestos, *performances* e discursos fazem do gênero sempre uma ação. A expressão do gênero não é resultado, um *telos*, tampouco o desvelar de uma interioridade, mas sim efeito da própria ação. Consequentemente, ao atribuir gênero a um sujeito, este não preexiste ao gênero, mas gênero e sujeito produzem um ao outro simultaneamente. A partir disso, Butler funda a sua ontologia corporal, social e relacional, pois, se o gênero não tem um status ontológico que o preceda, este mesmo status também se produz performativamente em conjunto com o gênero e o sujeito, como uma regulação pública da superfície dos corpos, de suas fronteiras entre-matrizes e da própria integridade do sujeito.

Ao assimilar estes elementos da teoria butleriana, Preciado afirma que a produção de sujeitos na era farmacopornográfica e a garantia da sua continuidade enquanto indivíduos gira em torno de uma vertiginosa exploração próstético-semiótica. Tal assemblagem opera com inúmeras funções e todas asseguram a materialização do regime de poder farmacopornográfico. A dessubjetivação e a despossessão, também elementos da teoria butleriana, são mecanismos de precarização dos indivíduos, que sustentam a distribuição de vulnerabilidade, realizam o manutenção da obediência e asseguram o retorno à salvaguarda do “Império Heterossexual” (Preciado, 2011) a partir do apego à subordinação à cis-heteronormatividade.

Entretanto, apesar do fundamento butleriano, em *Testo Junkie* (2018a) Preciado se alinha a Gilles Deleuze, Felix Guattari e Maurizio Lazzarato ao afirmar que, no tempo presente, da era farmacopornográfica, a sujeição social tal e como pensada por Michel Foucault e Judith Butler é insuficiente para dar conta dos processos de produção e dominação de sujeitos e indivíduos. Se entende que, sob o marco de *Testo Junkie*, se deve sempre considerar as implicações farmacopornográficas sobre a sujeição social. Será necessário, com isso, realizar ajustes conceituais em relação à sujeição social, sempre e conforme o avanço do tecno-bio-capitalismo, de modo a considerar as próteses semiótico-técnicas, materiais e psíquicas da dominação. Deste alinhamento se enfatiza o quiasma entre a sujeição social e aquilo que Preciado extrai de Lazzarato, seguindo a Deleuze e Guattari: o conceito de servidão maquínica.

Para ilustrar o seu argumento em *Testo Junkie*, Preciado (2018a, p. 221) recorre ao texto *La Maquina*, de Lazzarato (2006, s.p.), em que o autor define a servidão maquínica:

A servidão maquínica consiste na mobilização e na modulação dos componentes pré-individuais, precognitivos e pré-verbais da subjetividade, causando afetos, as percepções, as sensações ainda não individuadas, ainda não atribuíveis a um sujeito etc., como elementos de uma máquina. Enquanto a sujeição diz respeito a pessoas globais, representações subjetivas, molares e facilmente manipuláveis, “a servidão maquínica agencia elementos infrapessoais, infrasociais, em razão de uma *economia molecular* do desejo que é mais difícil de manter dentro das relações sociais estratificadas” que mobilizam os sujeitos individualizados. A servidão maquínica, portanto, não é o mesmo que sujeição social. Se a última se dirige à dimensão molar individuada, da subjetividade, a primeira ativa sua dimensão molecular, pré-individual, pré-verbal e pré-social. (Lazzarato, 2006, s.p., tradução nossa)

Com isso, apesar da sujeição social ser disparadora do processo de devir-indivíduo, na medida em que o sujeito atinge e reproduz a sua própria inteligibilidade (Butler, 2017), a servidão maquínica atua sobre a realidade pré-individual, individuada e transindividual, tanto interna e psíquica, quanto externa e coletiva (Simondon, 2020, p. 462). Assim, “a sujeição social produz um ‘sujeito individuado’ cuja forma paradigmática, no capitalismo neoliberal, é a do ‘empresário de si’” (Lazzarato, 2010, p. 168). Devido a isso, a partir da sujeição e da individualização extrema do capitalismo tardio, as subjetividades identitárias, funcionais e os papéis atribuídos no processo de sujeição orientam a ação do indivíduo, como investimentos em sua própria existência e vida social. O indivíduo é feito em pedaços, transformado em um conjunto de componentes, tais como a inteligência, afetos, sensações, prazeres, que se convertem em fluxos de informação agenciamentos maquínicos e processos de modulação da atividade humana:

Na servidão maquínica reside a novidade, o segredo e a potência específica do capitalismo, enquanto a sujeição social é um modo de governo da subjetividade que ele herdou de outras formações sociais e adaptou por inteiro às suas finalidades. O capitalismo exerce um duplo cinismo: cinismo “humanista” de nos atribuir uma individualidade e papéis pré-estabelecidos (trabalhador, consumidor, desempregado, homem/mulher, artista etc.) nos quais os indivíduos devem se alienar; e cinismo “desumanizante” de nos incluir em um agenciamento que não distingue mais humano e não humano, sujeito e objeto, as palavras e as coisas. Na servidão não agimos mais, nem mesmo *fazemos uso* de qualquer coisa, se por ação e uso entendemos funções do sujeito. Antes constituímos simples entradas e saídas, *inputs* ou *outputs* do funcionamento de processos econômicos, sociais, comunicacionais, governados ou pilotados pela servidão. (Lazzarato, 2010, p. 170, itálicos do autor)

Quando combinadas, a sujeição e a servidão maquínica são exata e precisamente os mecanismos necessários para produzir o que Preciado denomina como “prótese política viva”. Em que a *potentia gaudendi* (potência de existir e capacidade de produção) são capturadas para servir como plataforma de expansão ilimitada do capitalismo. Com isso, combinadas, asseguram a constante produtividade, independentemente de sua inteligibilidade, de suas faculdades, de sua educação ou profissão, idade ou corporalidade. Todxs trabalham e são produtivxs, como engrenagens substituíveis da grande máquina, pois estão a serviço da rede de agenciamentos individuais e coletivos, em modalidades diversas.

Além disso, embora exija uma investigação própria, o problema de individuação aparece na teoria preciadiana como uma herança de Gilbert Simondon, mediada por Deleuze, Guattari e Lazzarato, esboçando uma continuidade entre-teorias, de Butler ao princípio de individuação de Simondon, segundo o qual “a individuação deve ser apreendida como devir do ser, e não como modelo do ser, o que esgotaria sua significação” (2020, p. 27). E que viabiliza uma verticalização acentuada do alcance conceitual necessário para esclarecer o assujeitamento, a individuação, suas continuidades performativo-prostéticas, a colonização psíquica e obediência inconsciente, bem como os mecanismos de captura destes processos pelo capitalismo avançado.

3. O sujeito *Playboy*

No ensaio *Pornotopia* (2020a), Preciado categoriza o sujeito *Playboy* como o resultado da dominação e exploração maquínico-farmacopornográfica. O sujeito *Playboy* emerge sobretudo na década de 1970 e é apontado por Preciado como um modelo baseado nas subjetividades inauguradas por Hugh Hefner em sua mansão e revista *Playboy*. Se entende que, segundo Preciado, após a Segunda Guerra Mundial e durante a Guerra Fria a mutação farmacopornográfica começaria nas salas de casa, silenciosamente armando uma nova rede sensorial e emocional conforme os fluxos da economia de consumo, a cultura do ócio e entretenimento. Como uma incubadora biopolítica e excêntrico laboratório experimental, neste período se inventou novas técnicas do corpo, da alma, de um novo indivíduo e uma nova produção da verdade, “como um espaço de transição no qual se modela o novo sujeito prostético e ultraconectado e os novos prazeres virtuais e midiáticos da hipermodernidade farmacopornográfica” (Preciado, 2020a, p. 173).

Como uma “*Disneyland* para adultos”, Preciado analisa como Hefner cultivou através da *Playboy* o habitat mais auspicioso para a transformação do homem heterossexual estadunidense que, ainda sob a moral vitoriana e sob o marco do retorno pós-guerra, se encontrava ortoarquiteticamente limitado, disfuncional, de acordo com as subjetividades inflexíveis e os próprios códigos de masculinidade. “O soldado heterossexual, pós-traumaticamente inadaptado à vida monogâmica da unidade familiar, volta para casa para se transformar não tanto no complementar parceiro da mulher heterossexual, e sim em seu principal rival” (Preciado, 2020a, pp. 34-35), de modo que, então, o campo de guerra se tornava a própria heterossexualidade. Hefner havia iden-

tificado os novos agenciamentos pós-guerra e como alternativa, inventa a *Playboy* com a pretensão de “atravessar os muros da casa suburbana, penetrar nos domicílios privados, inocular em cada casa estadunidense, primeiro por meio da revista e, depois, da televisão” (Preciado, 2020a, p. 15) e, não muito depois, se estender por toda a América do Norte, para então ganhar o mundo. Com este movimento, Hefner mobiliza elementos semiótico-técnicos e farmacopornográficos capazes de dar forma a um novo sujeito consumidor, masculino, com novos afetos, desejos, com práticas sexuais distintas, “saudáveis” e “racionais”, de liberdade, diversão e poligamia em detrimento da figura de homem modesto, decente e trabalhador, bom marido, cristão, branco e heterossexual (Preciado, 2020a, pp. 49-51).

As pornopolíticas de Hefner inauguram um novo sonho americano, em que o sujeito *Playboy* – este novo homem urbano, solteiro ou divorciado, que reafirma a sua heterossexualidade, mas com novos ornamentos – é produzido a partir da ocupação masculina do espaço doméstico, convertido em um apartamento hiper sofisticado, meticulosamente construído para aparentar um nível controlado de grosseria e indiferença, na mesma medida em que oculta a tendência metrossexual provocativa, predominante e predatória. Neste sentido, a *Playboy* investiu na reorganização dos códigos de gênero e da sexualidade como em uma guerra, na qual se travam inúmeras batalhas por diferentes territórios, de modo a assegurar a nova semiótica e estética, a soberania dos fluxos de informação – mas do que lhes convém –, da arquitetura da cobertura urbana, do apartamento de solteiro enquanto cela pós-doméstica e a introdução de novos objetos de consumo. “A masculinidade do playboy se constrói mediante um cuidadoso exercício de teatralização no qual as técnicas de encenação e os elementos do cenário são tão importantes quanto a psicologia interior”, afirma Preciado (2020a, p. 42).

As premissas da performatividade de gênero e, mais especificamente, dos códigos de gênero que permeiam as relações são reafirmadas a partir desta ultrassubjetivação capitalística iniciada por Hefner e a *Playboy*. Se trata de um avanço biopolítico e pornográfico sobre as representações e imagens, inclusive autoimagens que incidem diretamente sobre o processo de assujeitamento no regime de poder farmacopornográfico.

O sujeito *Playboy* é, para Preciado (2020a, p. 164), obsessivo por controle e por ser controlado, tornando-o compulsivo pelo ambiente que ocupa e indissociável do seu próprio ecossistema. É como um “senhor feudal pop”, que representa a justaposição do velho sistema com a nova ordem, isto é, a soberania, a disciplina, biopolítica e o tecno-bio-capitalismo farmacopornográfico. A partir da sua cobertura ultra tecnológica e dos seus móveis requintados, o sujeito *playboy* emerge como modelo de dever-ser da masculinidade. O que significa que os códigos semiótico-técnicos reproduzidos mundialmente pela *Playboy* promovem uma flexibilização do que é ser um homem, mas mantém um estrito controle de fronteiras entre matrizes de inteligibilidade. A cobertura ou o apartamento do sujeito *Playboy* é a sua própria prótese ortoarquitetônica, um panóptico de si para si, mas também é preenchido por outras próteses que suplementam a representação de macho

caçador, como armadilhas, para atrair e pegar suas presas, as *bunnies* (coelhinhas), mas também se tornam em “um meio de comunicação que lhe permite alucinar a realidade ou, nas palavras de Gilles Deleuze, ‘viajar sem sair do lugar’” (Preciado, 2010, p. 159).

4. É possível resistir?

Frente a estes níveis tão nevrálgicos de dominação, podemos então questionar: como é possível contraproduzir a farmacopornografia? Como modificar a infraestrutura de *feitura* dos sujeitos? Como romper com a lógica capitalística da servidão maquínica? Como encerrar de uma vez por todas o lucro a partir da exploração das multiplicidades? Como atravessar por entre-matrizes para reconquistar os códigos tecnossemióticos de atribuição de inteligibilidade, privilégios e abjeções? Pode-se afirmar que, ao conjecturar a farmacopornografia, Preciado reservava, desde o início, linhas de fuga para a extrema dominação e exploração a qual estamos todxs submetidxs. Preciado questiona: “e se o subalterno fosse também uma possibilidade sempre já contida em nosso próprio processo de subjetivação? [...] e se perder a própria voz, como índice ontoteológico da soberania do sujeito, fosse a primeira condição para deixar falar o subalterno?” (Preciado, 2019, p. 172). Ao se demandar refúgio político entre-matrizes, seja como dissidentes sexo-gênero, apátridas, migrantes, refugiados, corpos soropositivos, corpos com diversidade funcional e cognitiva, os sujeitos subalternizados são levados a se assimilar às convenções administrativas dos Estados-nações para obterem reconhecimento. O *modus operandi* farmacopornográfico é sedutor e exige que, a partir da interpelação dos sujeitos, estes aceitem a submissão em troca de reconhecimento. Que seja em um só tempo voluntário e inconsciente.

Convergindo uma vez mais com Butler, Preciado afirma que simultaneamente somos “efeito do regime de poder farmacopornográfico e o potencial para o seu fracasso” (2018a, p. 129), reiterando que, apesar da subordinação do assujeitamento e da servidão maquínico-prostético-semiótica, o sujeito, o gênero e o indivíduo são resultados de processos, do conjunto de estratégias de naturalização, desnaturalização e renaturalização, assim como de identificação e desidentificação, o que representa a possibilidade mesma de dismantelá-los. Em outras palavras, a sujeição social e a servidão maquínica não deixam de ocorrer segundo a performatividade, de modo que precisam constantemente ocultar os indícios, as pontas soltas que escancaram a artificialidade e a necessidade de repetição para a sustentação do domínio, isto é, mascarar a possibilidade de subversão do regime de produção e exploração de *potentia gaudendi*. De modo que, a maneira mais efetiva que há para romper com a subordinação, o apego e a servidão maquínica é a partir do interior de suas próprias normativas, a partir de práticas de subversão e resignificação, aproveitando as fissuras da matriz de inteligibilidade para virá-la contra si mesma. É a possibilidade de insurgirem metamorfoses inesperadas e alianças comuns de resistência.

Este *modus operandi* de servidão maquínico-prostético-semiótica, resultante do regime de poder farmacopornográfico, trabalha precisamente para assegurar uma representação forte o suficiente para intimidar os ímpetus revolucionários e aparentar onipresença e onipotência em relação aos sujeitos e indivíduos. No entanto, há insurgências inesperadas, sujeitos e indivíduos em metamorfose – o potencial de fracasso do regime de poder farmacopornográfico –, que fogem deste domínio. Se delinea assim um *modus operandi* subversivo, como uma ferramenta de “transformação potencial da ontologia endócrina”, como sugere Preciado (2018a, p. 151). Ao falar em ontologia endócrina, Preciado causa uma abertura conceitual que pode auxiliar a reconfigurar categorias ontológicas e políticas que ainda se trabalha para desmontar. Compreende-se que para Preciado esta ontologia endócrina emerge de um campo molecular de possibilidades que se baseia no *Mit-sein*, em um ser-com, como uma ontopolítica que pode levar à reapropriação das tecnologias, técnicas e mecanismos que operam a sujeição social e a servidão maquínica. Com isso, portanto, capaz de promover uma inversão do funcionamento da servidão, em que ao invés de peças ou engrenagens do capital, os sujeitos e indivíduos se tornem singularidades múltiplas, tão monstruosas quanto viáveis (Preciado, 2018a, p. 413).

Esta revolução molecular é o meio pelo qual se é possível contaminar as bases da produção da diferença, inclusive da diferença sexual, de modo a criar ficções políticas inteiramente novas e, com elas, novos efeitos somáticos por meio das técnicas e tecnologias de subjetivação, performatividade e produção da carne dos corpos. “Trata-se de uma intervenção intencional neste processo de produção a fim de acabar com as formas viáveis de incorporação de gênero, de produzir uma nova plataforma sexual e afetiva” (Preciado, 2018a, p. 153) a partir dos devires entre multiplicidades.

Os trens da história que se aproximam são as lutas dos diferentes sujeitos políticos subalternos que desorganizam a hegemonia branca masculina, que atacam a figura do livre-consumidor. A potência transformadora dessas lutas em cooperação não pode ser apreendida pela lógica dos partidos nem reduzida a alguns assentos. Eles não nos representam. Transfeminismos, políticas de descolonização, antiprodutivismos: a transformação política só pode vir de um duplo processo de insurreição e imaginação. De desobediência civil e de abalo da percepção. De destituição e de criação instituinte. De revolução e de tecnoxamanismo. (Preciado, 2019, p. 260)

Neste horizonte de possibilidades, o grande desafio está em superar definitivamente a necessidade da subserviência que está na base da forjatura de sujeitos e identidades dentro do regime farmacopornográfico. De romper com paradigmas onto-epístemo-políticos que instituem Estados-nações e sujeitos políticos únicos, que insistem em identificar para diferir, pois “a subjetivida-

de e a sociedade são constituídas de uma multiplicidade de forças heterogêneas, irreduzíveis a uma única identidade, a uma única língua, a uma única cultura, a um único nome” (Preciado, 2019, p. 33). Sim, é preciso utilizar todo o alcance das subjetividades politoxicomaniacas, do domínio maquínico, da autoridade material de miniaturização, conjuntamente com as plataformas globalizantes da era farmacopornográfica para implodi-la, mas é urgente inventar formas de livre produção de “sujeitos não-assujeitados”.

5. Os devires multitudinários

Em *Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”*, originalmente publicado na *Revista Multitudes* (Paris, 2003), Preciado apresenta a hipótese de que a Multidão é o “novo sujeito político contemporâneo”. O conceito de Multidão é extraído das obras de Michael Hardt e Antonio Negri, sobretudo *Multidão* (2014), e ampliado por Preciado, que critica as teorias pós-fordistas por compreender que estas investigações são “biopoliticamente interrompidas quando chegam à cintura” (Preciado, 2018a, pp. 39-40). A Multidão é conceituada por Hardt e Negri em diferentes campos fenomênicos (ontológico, social e político) como um primado de resistência, uma biopolítica afirmativa da vida, do bem-viver e do bem-estar comum. Nestes três campos, a Multidão rompe radicalmente com as noções de *arché* ou boa-origem, *télos* ou finalidade, com as noções de Unidade, Identidade, Plebe, Massa, Povo, Estado, Soberania e qualquer forma de determinismo, inclusive anátomo-biológico (Hardt & Negri, 2014). E no lugar, se fundamenta a partir da diferença, univocidade, imanência, multiplicidade, cooperatividade e do comum. O que possibilita, mais precisamente, a pensar o ser a partir da multiplicidade ao invés da unidade indiferenciada; a imanência ao invés da metafísica transcendente; e a singularidade ao invés do sujeito. Consequentemente, a ruptura com o uno e a sua ressignificação ontológica viabiliza a invenção de novas organizações políticas.

A Multidão é identificada por Hardt e Negri como um movimento de revolução que já se manifesta nos campos social e político a níveis glo(c)ais (Robertson, 1992). Se trata da potência emancipatória, dessujeitante e do profundo desejo pela democracia. Além disso, ocorre em um processo de metamorfose, a partir do qual os sujeitos-assujeitados se dessujeitam, rompendo com os mecanismos de exploração, com o ego e os individualismos. Esta metamorfose é compreendida como a renovação, a manifestação da novidade radical e monstruosa, carreadora dos devires, a contínua transformação e produção de si, em que os múltiplos devires-revolucionários são manifestações contra a interrupção do devir. Estes processos ocorrem nas esferas infraestruturais e infrapessoais, impulsionando os sujeitos-assujeitados, os indivíduos-individuados e suas posições de enunciação à desestabilização, deformando assim os sistemas já estratificados historicamente e que já adquiriram dureza molar. A metamorfose e seus devires são linhas de fuga e micropolíticas da travessia, uma vez que, desde a operação de poder que inaugura o sujeito, há múltiplas travessias por entre os limites fronteiriços entre-matrizes. Entre eu/outro, eu/nós, entre amigx/inimigx,

aliadx/adversárix, certx/erradx, reconhecidx ou abjetx, masculino ou feminino, homem ou mulher, cisgênero ou transgênero etc.

Segundo Preciado, talvez a maior operação de poder do antigo regime cis-heteropatriarcal e colonial seja dividir e afirmar. “O universo inteiro cortado em dois e somente em dois” (Preciado, 2019, p. 19). Em uma cesura, o poder que divide o mundo divide também o sujeito, forçando-o a fixar marcadores identitários, a se valer da unidade em detrimento da multiplicidade para se tornar inteligível, forçando a se esquecer “da cicatriz que deixa o corte na multiplicidade do que poderíamos ter sido” (Preciado, 2019, p. 19). Entretanto, se compreende a partir de Preciado que ser, é ser-travessia, singularidade-multiplicidade-travessia, isto é, ser “o monstro que aprendeu a linguagem dos homens” (Preciado, 2019, p. 24). Portanto, nesse contexto, a metamorfose representa também o devir-monstruoso, pois tudo aquilo que não é reconhecido pelo contratualismo do cis-heteropatriarcado é como um pesadelo, uma tecnomonstruosidade aberrante ameaçadora. Contra esse sujeito do cis-heteropatriarcado neocolonial, que “não se reúne nem se coletiviza” e “é radicalmente indivíduo” (Preciado, 2020b, s.p.), nós “somos, em escala global, a civilização Gregor Samsa” (Preciado, 2019, p. 208), isto é, agentes de deslocamentos e mutações rumo a uma metamorfose planetária.

Apesar do entusiasmo para cuirizar a Multidão, dois anos após publicar *Multidões queer*, Preciado publica *Savoirs Vampires@War* (2005, s.p.), texto no qual reconhece que o seu postulado original se tornou obsoleto, pois o queer não deveria se tornar uma identidade, tampouco deveria ou seria capaz de totalizar em si as infinitas multiplicidades que são produzidas pelas singularidades da Multidão. O queer foi inicialmente pensado por Preciado como um jogo de linguagem, em que pode atuar como uma possível designação, atributo ou ação – ou como adjetivo, substantivo ou verbo (Campagnoli, 2018, p. 243) – para as práticas de resistência. Portanto, seria limitar a Multidão a um processo de identificação que já se cristaliza na sociedade, então, seria também definir a Multidão por sua dureza molar e interromper o seu devir-revolucionário.

Devido a essa incapacidade do queer em “constituir um terreno liso para sustentar o conjunto dos saberes menores dos gêneros, dos sexos e das sexualidades” (Preciado, 2005, s.p.), Preciado retorna à Multidão sem a limitar, a compreendendo como uma potência tangível de emancipação onto-epístemo-política, que por meio das práticas micropolíticas de resistência contrafarmacopornográfica é capaz de dessujeitar, emancipar singularidades. São as práticas micropolíticas que estabelecem as redes comuns de emancipação, as alianças entre-singularidades e os novos exercícios de enunciação da diferença. Com isso, assumem a tarefa agonista, relacional e não-violenta de habitar o mundo; promovem a reconquista dos mecanismos de produção de inteligibilidade e atribuição de densidade ontopolítica; a dessacralização e a ressignificação coletiva das (infra) estruturas onto-epístemo-políticas; a desmistificação da cis-heteronormatividade compulsória; o desmonte do patriarcado neocolonial e o romper com os circuitos de exploração do inconsciente colonial-capitalístico (Rolnik, 2018).

É importante ressaltar também o grande desafio frente ao revolucionário, pois, uma vez que se estratifique, que se sedimente em discursos e práticas, o devir é interrompido. O desafio está em movimentos que persistam moleculares, em devir, sem perder sentido ou densidade onto-epístemo-política. Está em compreender que o devir-revolucionário fundamenta o devir-multitudinário e, mesmo que a organização plural e multitudinária venha a falhar, o devir-revolucionário persistirá e a partir do qual outros paradigmas de resistência poderão surgir. A revolta e a insubordinação do devir-revolucionário são como elixires que continuarão a nutrir a agência onto-epístemo-política das singularidades (Lazzarato, 2019). E este é o compromisso a se assumir: o de produzir e ser-em-comum rumo à destruição da soberania e em favor da democracia, de produzir metamorfoses dessujeitantes e engendrar emancipações coletivas, mas, principalmente, o compromisso em se manter alerta para reconhecer as mutações capitalísticas vindouras.

Frente a isso se pode pensar que, ao modo negriano (2007, p. 116), “de fato, o monstro venceu”. Entretanto, do modelo multitudinário surge um complexo problema que, embora não deva ser ignorado, exige uma investigação própria. No capítulo *¿Cómo hacer(se) un corpus teórico? Consideraciones tecno-bio-grafo-políticas de las tecnologías del nosotrxs* (2014), Virginia Cano questiona as “u/topias” de nós mesmos, as que estão situadas neste local entre-matrizes em que a Multidão habita, “no sempre diferido (e “sinedótico”) a-topos no qual a primeira pessoa do singular se des-faz iterativamente no horizonte comunitário da primeira pessoa do plural” (2014, p. 164, tradução nossa). Como irá ocorrer a interpelação da Multidão frente aos sujeitos-assujeitados? Como validar esta proposta “fantasmática” de um coletivo, de um “marco comunitário” que, mesmo por instantes, dissolve o eu, disputa o “nós” e coletiviza a produção de si?

6. A coletivização multitudinária do tecnocordeiro

A recepção crítica das teorias de Preciado na América Latina ou em NossaAmérica (Sacchi, 2019, p. 17, tradução nossa), como na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guatemala e México, materializou um campo fértil no qual os seus escritos foram lidos, interpretados e canibalizados. A sua teoria foi transcriada em variados campos do saber, como nas universidades e programas de pós-graduação, nos coletivos e em diferentes ativismos, no cinema, peças de teatro, na música e na poesia. As principais críticas a digerir a teoria preciadiana, como as de Blas Radi (2015), Mauro Cabral (2008) e Mabel Campagnoli (2016), sublinham os aspectos ocidentalizantes, eurocentristas e universalizantes presentes nos seus conceitos, bem como a fantasmática coletivizante, a subalternização, apropriação, o apagamento e desfundamento de contextos e identificações do Sul.

Os deslocamentos da teoria preciadiana realizados na América Latina estabeleceram coordenadas a partir das quais se tornou possível desafiar e confrontar a teoria a partir de si mesma. Por exemplo, como ler a teoria preciadiana e conceitos como farmacopornografia e Multidão a partir

das culturas, experiências e vivências latino-americanas? Qual seria o *cuir* dos trópicos (Pereira, 2012; Mombaça/Errátika, 2016)? Ainda seria possível falar de farmacopornografia e Multidão ao beber Ayahuasca com um xamã (Münchow, 2018) ou *girar* incorporado em um terreiro? Para as sapatas, bixas e transvestigêneres há sentido se coletivizar de acordo com as premissas da Multidão? Por último, um questionamento levantado por Cabral (2009, p. 128, tradução nossa): até que ponto a teoria preciadiana pode ser considerada “subversiva”, “libertadora”, mas também até que ponto ela se trata de “outro texto acadêmico queer que recorre, como tantos outros, a experiências trans e intersexo como dispositivo crítico, como exemplo privilegiado e como promessa emancipatória”?

Dentre estas críticas, se destaca a realizada por Cabral (2008) e Radi (2015) frente ao artigo *Biopolítica del Género*, escrito por Preciado (2008b). Esta crítica é voltada ao que é possível chamar de “pulsão de coletivizar” ou a autocoletivização, que segundo Cabral e Radi se trata da “hipótese programática” da Multidão (que agora se estende aos simbioses políticos, como se verá a seguir), que é depositada por Preciado na figura de Agnes. Neste artigo e em *Testo Junkie*, Preciado aborda aquilo que denominou de “ativismo biopolítico”, baseado nos protocolos de autocobaia, autointoxicação e autocoletivização. Além disso, critica Foucault e Butler pelo agenciamento das vidas de Herculine Barbin e Venus Xtravaganza em suas teorias, mas, neste processo, acaba ele mesmo agenciando a vida da jovem Agnès para incorporar a figura multitudinária, comunista tecnosomática, bioterrorista e contrafarmacopornográfica “por excelência”. Para Preciado, Agnès é o tecnocordeiro que devorou aos lobos (os protocolos psiquiátricos, médicos e jurídicos), pois desde a adolescência consumia em segredo as pílulas de estrogênio que foram receitadas para sua mãe. Agnès era transgênero, mas também intersexual e, com isso, se voluntariou aos diagnósticos psiquiátricos de modo a, em 1958, ter acesso às técnicas hormonais, cirúrgicas e jurídicas de correção da coerência entre sexo-gênero.

O corpo de Agnes não é nem a matéria passiva sobre a qual age uma série de mecanismos biopolíticos de normatização, nem o efeito performativo de uma série de discursos sobre a identidade. O corpo de Agnes, verdadeiro colosso sexual de *autodesign*, é o resultado da reapropriação, do uso e do agenciamento coletivo de certas tecnologias de gênero com o objetivo de produzir novas formas de subjetivação. (Preciado, 2018a, p. 405, itálicos do autor)

Preciado agencia a vida e a experiência de Agnès como o símbolo da revolução, a sua dinamite que irá implodir a farmacopornografia a partir de suas entranhas. Cabral e Radi criticam precisamente a coletivização de Agnès, tal como Preciado criticou a Foucault e Butler, pois para elxs se torna impossível de distinguir no texto a vida e experiência de Agnès da própria vida e experiência de Preciado, de modo que o autor não teria tomado os devidos cuidados ético-polí-

ticos para se “manter as distâncias” e, claro, por tornar Agnès em uma “história exemplar”. Radi vai além, mais ácido e incisivo, criticando precisamente o postulado da Multidão (queer) e da coletivização, pois para elx não há viabilidade em se permitir consumir por completo pelo regime farmacopornográfico para, do seu interior, emergir como resistência. Para Radi (2015, p. 4), além do apagamento genealógico já citado, nesta “promessa subversiva” há grandes lacunas conceituais (geopolíticas, econômicas, raciais, étnicas, epistemológicas, decoloniais e até mesmo em relação às formas de vida não-humanas), técnicas e metodológicas que geram um alto risco: ser uma vez mais assimiladx pelo capitalismo.

7. Simbiontes políticos

Em *Dysphoria mundi* (2022), seu mais recente livro publicado, Preciado reconfigura categorias apresentadas anteriormente em seus escritos, amplia a sua caixa de ferramentas lexical e dá continuidade em suas reflexões acerca dos sujeitos e das singularidades multitudinárias. O conceito que intitula o livro é postulado por Preciado como uma condição vital dos seres metamorfoseantes, multitudinários, que enfrentam os regimes de dominação contemporâneos. “Dysphoria mundi: a resistência de uma grande parte dos corpos vivos do planeta à subalternização dentro de um regime de conhecimento e poder petrosexorracial; a resistência do planeta vivo a ser reificado como mercadoria capitalista” (Preciado, 2022, p. 22, tradução nossa). Preciado investiga a origem e os usos da noção patológica de disforia e propõe uma diferente interpretação acerca desta: uma experiência coletiva própria dos corpos subalternizados, insubordinados e que resistem aos regimes normativos do sexo-gênero. Assim, este conceito propõe interpretar o presente a partir de uma condição somatopolítica comum, que resulta de uma mutação planetária em curso que se acelerou intensamente após a crise global de COVID-19.

A noção de “petrosexorracial” é introduzida para reunir as principais categorias de exploração analisadas no livro: a espécie, o sexo, gênero, a classe e a raça. Esta noção é importante, pois coloca em evidência uma certa medida de amadurecimento das teorizações precidianas frente às críticas que recebeu ao longo dos anos, considerando com maior urgência e centralidade as tensões raciais e decoloniais. Em nota de rodapé, Preciado (2022, p. 40) esclarece que este neologismo surge da transversalização das teorias de Angela Davis, Monique Wittig, Colette Guillaumin, Judith Butler, Edward Said, Eric Williams, C. L. R. James, Paul Gilroy, Denise Ferreira da Silva, Achille Mbembe e Lisa Lowe. Se trata do atual paradigma a ser superado. De um modo de produção baseado na extração e acúmulo de fontes de petróleo (petro-) e seus derivados, mas também de uma estética “patriarcal, colonial e fóssil” como uma “articulação entre a organização social da vida, a estrutura da percepção e a configuração de uma experiência sensível compartilhada” (Preciado, 2022, p. 42, tradução nossa). Se entende que a “sociedade petrosexorracial” se trata de uma análise e definição mais precisa da sociedade farmacopornográfica abordada em *Pornotopia*. Sendo assim, o “sujeito petrosexorracial” abordado em *Dysphoria mundi* pode ser também considerado como uma definição atualizada do conceito de sujeito *Playboy*.

O capitalismo petrosexorracial construiu durante estes cinco últimos séculos uma estética: um regime de saturação sensorial e cognitiva, de captura total do tempo e de ocupação expansiva do espaço, uma habituação ao ruído mecânico, ao cheiro de poluição, à plastificação do mundo, à superprodução e à abundância consumista, ao fim de semana no supermercado, à carne moída, ao suplemento de açúcar, um acompanhamento rítmico da temporada de moda e uma exaltação religiosa das marcas, uma insolente satisfação ao se desprender daquilo que havia sido concebido para a obsolescência programada e que pode ser imediatamente substituído por outra coisa, uma fascinação pelo kitsch heterossexual, uma romantização da violência sexual como base da erótica da diferença entre a masculinidade e a feminilidade, um misto de rejeição e exotização dos corpos antes colonizados, de terror e de erotização das populações racializadas que são expulsas às periferias pauperizadas das cidades ou às fronteiras dos Estados-nação. Em suma, um gosto pelo tóxico e um prazer inerente à destruição. (Preciado, 2022, p. 41, tradução nossa)

A estética petrosexorracial é fundamental para sustentar a sujeição social e a servidão maquínica na era farmacopornográfica. E para subvertê-la, diz Preciado, será necessário um “sacudimento da percepção e do sentido” que seja capaz de “parar o mundo” (2022, p. 511). No subtítulo *Mutación intencional y rebelión somatopolítica de Dysphoria mundi*, Preciado se inspira no livro *Metafísicas canibais*, do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, para indicar uma linha de fuga da dominação petrosexorracial farmacopornográfica. Se compreende que, para Preciado, esta linha de fuga surge da sabedoria xamânica, dos povos originários das Américas e de suas culturas. Este sacudimento da percepção e do sentido, capaz de parar o mundo, seria como um conjunto de experiências e fenômenos tão íntimos, mas também coletivos, intra e interpessoais, que liberam uma potência metamorfoseante àqueles que os experimenta. Como em um despertar, tais experiências restabelecem elos, *liasons* debilitados de subjetividade, de mutualismo com a natureza e a comunidade. Neste processo, talvez o efeito mais significativo esteja na capacidade de recompor os fluxos do devir outrora interrompidos. Um efeito capaz de conduzir ao devir-outro. E para Preciado (2022, p. 512) é exatamente o que está ocorrendo a nível mundial desde o COVID-19: uma mutação planetária a nível molecular. A pandemia teria desestabilizado a soberania dos “corpos masculinos, brancos, heterossexuais, europeus e norte-americanos com mais de cinquenta anos”, tornando-os “vulneráveis e mortais”, colocando-os nas mesmas posições brutais que estes corpos petrosexorraciais impuseram sobre os “corpos refugiados, migrantes, das classes pauperizadas, feminizadas e racializadas do sul colonizado e global” (Preciado, 2022, p. 513, tradução nossa).

Ampliando algumas categorias e incorporando outras inteiramente novas, Preciado introduz também a noção de “simbiontes políticos”, que são singularidades multitudinárias que se abrem a esta travessia entre-matrizes, metamorfoseando-se em agentes da transformação glo(c)al, da invenção de um novo paradigma e em seres mutualísticos.

Proponho aqui deslocar a noção de sujeito político, ficção dominante da modernidade patriarcal e colonial, que supõe uma teoria da soberania, uma representação vertical do poder, um relato individualista acerca da sujeição e da autonomia, para, frente a ela, começar a pensar nos diferentes processos através dos quais um corpo vivo pode se converter em simbiote político, assim como os agenciamentos que fazem que este processo fracasse ou seja negado. Na biologia, um “simbiote” é um dos sócios de uma relação simbiótica: uma associação na qual um organismo estabelece uma relação com outro ou outros organismos para sobreviver, como os lactobacilos e o corpo humano, ou a zootaxela e os corais. (Preciado, 2022, p. 57, tradução nossa)

A noção de simbiontes políticos não propõe uma nova identidade, por exemplo, mas sim a substituição do termo “sujeito” em contextos revolucionários, uma vez que não há, de fato, “sujeitos” da revolução. Na teoria preciadiana há, no lugar, singularidades multitudinárias. E é preciso compreendê-las não de acordo com o seu “processo de opressão”, mas sim de acordo com a sua própria “transformação política” (Preciado, 2022, p. 392, tradução nossa). O que significa que a política deverá assumir a uma tarefa de “ontologia-ficção”, isto é, “inventar a existência do in-existente” (2022, p. 214, tradução nossa).

Há duas principais inspirações para esta proposta. A primeira surge a partir do trabalho de Donna Haraway (2021), o seu manifesto pelas espécies companheiras e pelo florescer de toda vida. Em especial, pela vida ctónica, subterrânea, clandestina e desvalorizada. A segunda surge a partir do trabalho da antropóloga Anna Tsing e em como Tsing transcreveu as teorias de Haraway em *The Mushroom at the End of the World. On the Possibility of Life in Capitalist Ruins* (2015a) e em *Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras* (2015b). Ao articular em sua teoria as investigações de Tsing, Preciado expande um horizonte já conhecido na filosofia, propondo também que a organização política vá além dos caules rizomáticos, convidando a todos a submergir nas profundas camadas da Terra e a se entamar com os micélios, seus filamentos e longas redes micorrízicas.

A saber, os fungos miceliais estão entre os maiores e mais antigos organismos do mundo (Tsing, 2015a, p. 231). Não são sempre “amigáveis” e “saudáveis”, precisamente pelo papel fundamental que desempenham na natureza. Se nutrem da matéria orgânica viva, mas também morta, apodrecendo madeiras, folhas, frutos e animais. São decompositores por excelência, mas não são egoístas, pois neste processo atuam na reabilitação ecológica e regeneração florestal. São capazes de sobreviver em condições extremas, de reciclar as mais variadas substâncias, contribuindo para recompor o equilíbrio e a vida em contextos de grave poluição e contaminação. O termo “micorremediação”, cunhado por Paul Stamets (2005, pp. 91-93), indica o andamento de pesquisas científicas que trazem resultados positivos para a filtragem fúngica de poluentes, como metais pesados, petróleo e seus derivados, bem como a possibilidade de “ensinar” aos fungos a decompor, por

exemplo, os filtros de cigarro, que são compostos por microplástico que se acumulam por todos os lados, se tornando assim um dos maiores poluentes do mundo. Há ainda fungos específicos, que evoluíram e se adaptaram para sobreviver em contextos inimagináveis, como as fontes de radiação gama. Estes fungos não apenas sobrevivem nestes contextos, mas absorvem estas energias e delas se nutrem (Tsing, 2015b, p. 195 e 199).

Para viabilizar uma organização política simbiótica como a pensada por Preciado, será necessário primeiro aprender com os fungos e sua “simbiopoiesis” (Gilbert, 2010, p. 672; Tsing, 2015a, p. 142). Em como se organizam, se nutrem, nutrem e reparam outras formas de vida e conduzem informações pela infraestrutura micelial de interconexão interespecie (Tsing, 2015a, p. 139). O simbiote político parece, então, complementar a potencialidade da organização rizomática, que já alcança diferentes formas de vida, das bactérias aos vírus, das plantas aos insetos (como as formigas e abelhas), dos animais humanos aos não-humanos (Deleuze & Guattari, 2011, pp. 25-29; Hardt & Negri, 2014, pp. 130-133). Além disso, tanto o rizoma quanto o micélio ensinam a resistir com o princípio de “ruptura assignificante” pensado por Deleuze & Guattari em *Mil platôs*: mesmo quando cortados, interrompidos em um ou mais segmentos, os rizomas e micélios não são exterminados, pois estão constantemente produzindo novas conexões, reorganizando-se.

Também se inspirando em *Metafísicas canibais*, Preciado afirma que esta metamorfose deve começar com a produção de “modificações significativas em nossas tecnologias da consciência”, o que certamente não pode ser definido e delimitado com precisão. Antes de abordar algumas das estratégias cotidianas pessoais e coletivas, Preciado (2022, pp. 511-512, traduções nossas) pontua três etapas deste processo de transformação: (i) confrontar a finitude e mortalidade do sujeito petrosexorracial; (ii) se compreender dentro da própria “cadeia trófica” como um com a natureza e não aparte dela; descobrir a potência da relacionalidade intersubjetiva entre as singularidades e os “vínculos energéticos” que unem a todos os seres vivos; (iii) mutar a sua “função desejante”, isto é, não a metamorfose em si, mas o último passo que levará à metamorfose, que modifica radicalmente o desejo e viabiliza o devir-outro. Este “protocolo”, tal como o protocolo de autointoxicação (Preciado, 2018a), deverá ser interpretado como norteador para estas práticas de autoexperimentação e metamorfose. E é seguro dizer que muitas outras etapas podem e devem ser inseridas nas interseções entre estas três.

Em seguida, Preciado (2022, pp. 527-530, traduções nossas) sublinha algumas das estratégias que já estão em curso: (i) a desidentificação, que se trata de um protocolo próprio de insubordinação e resistência à redução da multiplicidade em identidades fixas. Se trata de uma “prática de liberdade” que visa inventar políticas não-identitárias e retomar os mecanismos de atribuição de inteligibilidade; (ii) a desnormalização, que se trata de ativamente questionar acerca dos “processos de construção cultural e política da vulnerabilidade, da saúde e da enfermidade”; (iii) a emancipação cognitiva; (iv) a *P.A.I.N – Prescription Addiction Intervention Now*, nome na associação criada pela artista Nan Goldin, que propõe compreender toda forma de consumo na contemporaneidade

como um vício compulsivo e conscientizar sobre o consumo passivo; (v) a coletivização da somateca, que propõe a criação de uma organização de vida baseada na cooperatividade contra toda forma de dominação capitalística e inclui redes práticas de “cura e restituição frente à violência petrosexorracial”; (vi) a desmercantilização das relações sociais; (vii) a destituição das práticas institucionalizadas de violência; (viii) a restituição do expropriado e a reparação do destruído, que atua ativamente em prol do “processo de reconstrução dos mundos dissidentes”; (ix) a ação por deserção, isto é, “retirar-se das cadeias de reprodução social e política da violência”; (x) a secessão, isto é, “fomentar a ruptura do que foi normativamente unido de acordo com a lógica binária ou com as categorias normativas da epistemologia petrosexorracial” [...] “que fundam a maioria das instituições das democracias ocidentais”; (xi) a criação de supercordas, que se trata de fomentar a ruptura com “as unidades identitárias que foram formadas normativamente”, de modo a “unir o que foi separado”, constituindo assim uma “rede cooperativa planetária” que é baseada na diferença e multiplicidade, no “destoante e dissonante”; (xii) a hibridação antidisciplinar, que se trata de romper com a “taxonomia capitalista petrosexorracial” e as séries de segmentação causadas por ela, hibridando tudo “que foi separado para provocar mutações intencionais” e “uma transformação de formas e de funções que escape à economia capitalista”; (xiii) a politização da relação com as próteses energéticas de subjetivação; (xiv) e as práticas, técnicas e modalidades de autobiohack, isto é, em como as singularidades deverão fazer o uso crítico das redes próstéticas ultraconectadas com os objetivos de se transformar e se emancipar.

Ressaltar estas práticas, técnicas e estratégias é fundamental, pois tornam a teoria menos nebulosa e enigmática. Estimulam a imaginação, recarregam a força de vontade e entusiasmam o corpo. A tese de doutorado defendida recentemente por Danilo Patzdorf, *Artista-educa-dor: a somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental(izado)* (2022), vai diretamente de encontro com a proposta de Preciado para sacudir as percepções e reabilitar os sentidos, mas sem deixar de criticar o seu *corpus* teórico: “para aterrorizar um intelectual, sempre lhe pergunte: mas e na prática, e no corpo, e na lida áspera com o cotidiano: como suas palavras lisas podem nos ajudar a escalar o terreno acidentado no qual se equilibra a realidade?” (Patzdorf, 2022, p. 162). É o que será necessário para alcançar de fato um estado revolucionário consciente. E frente a isto, Patzdorf se propõe a “emitir um testemunho somatopolítico”, bem como ações próprias e compartilhadas, “experiências estéticas” capazes de material, psíquica, artística e espiritualmente “revitalizar nossos corpos para insurgirem sensorialmente contra o avanço da globalização da lógica capitalista sobre todas as instâncias do sentir e do viver” (Patzdorf, 2022, p. 2). Portanto, se necessita com urgência pensar, ressoar, cocriar e se colocar a produzir tais práticas e “projetos artístico-pedagógico-terapêuticos”, como pensa Patzdorf em sua tese, que de modo original articula e tensiona todas as estratégias sublinhadas por Preciado e descritas no parágrafo anterior para, efetivamente, abraçar a simbiose política, que também podemos chamar de “integração cosmossomática” (Patzdorf, 2022, p. 9).

A revolução está em curso e as micrometamorfoses estão ocorrendo, entretanto, ainda há muitos desafios a serem solucionados quando se trata de uma existência baseada na conectividade, na Multidão e, mais ainda, se baseada na política simbiótica. Por mais que esta existência vise o bem-estar comum e o bem-viver entre todas as formas de vida, a partir de *A força da não violência: um vínculo ético-político* (Butler, 2021b, pp. 28-30) é possível questionar: como superar o individualismo e a autopreservação? Como compreender a si-mesmo em relação simbiótica com outras singularidades? Não há risco de, neste processo, algo se corrompa e a conectividade simbiótica se torne parasitária e violenta? Qual será a ética nestas condições de existência? Estas não são perguntas fáceis de se responder e exigem uma investigação própria. Entretanto, passo a passo se torna mais possível ampliar esta abertura constituinte, que se perfaz enquanto condição somatopolítica comum. Quem sabe assim, pouco a pouco, o regime farmacopornográfico e petrosexorracial será decomposto, para então, em um ato simbiopoiético, as singularidades multitudinárias possam florescer e, das ruínas do capitalismo, esporular o “comunismo somático planetário” (Preciado, 2018b, p. 13).

8. Considerações finais

Destes resultados, se considera que há de fato uma mobilização coesa e coerente entre as diferentes concepções de sujeito apresentadas ao longo do *corpus* teórico de Preciado. Se verifica que o conceito de farmacopornografia atua como um sentido ordenador para o sujeito, forjado pela sujeição social e atravessado pela servidão maquínica, e para as singularidades multitudinárias, que são constituídas em processos de metamorfose que se iniciam com a revolta, insubordinação, com a resistência à dominação e se desdobram em novos modelos ético-políticos com o postulado simbiótico. Deste modo, a pesquisa obteve sucesso em rastrear os “sentidos do sujeito” de Preciado e o progressivo desenvolvimento das categorias ao longo das suas teorizações. Este sentido ordenador parece se comportar de modo semelhante à teoria da performatividade de gênero, mas com um tom mais incisivo, quase como um imperativo que afirma “mude ou permaneça submisso”. Entretanto, a consistência entre-categorias só é esclarecida por meio de um retorno ou desvio às teorias de Judith Butler, Michael Hardt e Antonio Negri, Gilles Deleuze e Felix Guattari e Maurizio Lazzarato, dentre outros, que foram acionadas como ferramentas exegéticas para preencher as lacunas conceituais.

Na teoria de Preciado o sujeito também é compreendido como plataforma intersubjetiva, infrapessoal e infrassocial, em que se dão as disputas pela dominação. E é nesta instância em que as práticas micropolíticas incidem, estimulando a revolta e insubordinação. O conceito de indivíduo é ajustado para dar conta da servidão maquínica e exploração capitalística, que cria situações glo(c)ais de despossessão, vulnerabilização e precarização para controlar as forças produtivas. Para o sujeito-assujeitado e individuado, como o sujeito *Playboy* e *petrosexorracial*, a subordinação se torna em uma sorte de moeda para barganhar ou negociar em troca de reconhecimento, *status quo* ou

qualquer vislumbre de estabilidade, em um processo sempre-já desproporcional e violento. A Multidão é incorporada por Preciado para dar nome a este primado de resistência, insubordinação e revolução que atualmente se identifica ao redor do mundo. Seja em movimentos artísticos, sociais, políticos, acadêmicos ou ativistas. O seu potencial está, precisamente, em ser uma alternativa aos paradigmas do capital e regimes baseados na unidade, identidade, povo e soberania. E sem dúvida há desafios em materializar estas teorias revolucionárias de emancipação na realidade cotidiana, e, quanto a isso, Preciado é isto que possibilita inventar a existência do in-existente.

Se considera também que há a necessidade de investigações próprias para dar conta de problemas que se destacaram dos resultados obtidos. O primeiro problema surge do encontro entre as teorias de Butler e Preciado em contraste com a teoria de Simondon (2020). A sua produção teórica ampliou significativamente a constelação conceitual e os vocabulários com os quais se pode aprofundar as problematizações acerca de como o sujeito devém indivíduo. Dentre esta constelação, neste artigo foi destacado apenas o princípio da individuação, que aborda as dimensões pré-individual, individuada e transindividual do devir-individuado. Frente a isso, como a teoria de Simondon contribui para as análises dos sujeitos e das singularidades, da performatividade de gênero e farmacopornografia?

O segundo problema – ou melhor, conjunto de problemas – surge ao contrastar o postulado preciadiano, de uma organização ontológica (multitudinária) e política (simbiótica) das singularidades, com as recentes reflexões de Butler (2021b). Ao se considerar as reflexões acerca da força da não-violência, qual será a ética das relações mutualísticas, de conectividade entre-singularidades? Que risco oferecem as tendências e traços do individualismo ao modelo multitudinário e simbiótico postulado por Preciado? Na prática, em que estes processos revolucionários são construídos lentamente, há risco de uma das partes mutualísticas se corrompa, deteriorando assim esta possível ética, provavelmente ainda frágil, se tornando assim parasitária e violenta? A mesma potência constituinte, produtiva das relações mutualísticas pode se tornar absolutamente destrutiva. Como é possível conceber a possibilidade de relações mutualísticas com aqueles que se eximem do compromisso, da responsabilidade e sensibilidade para com o bem-estar comum e o bem-viver? Em relação àquels que ativamente produzem discursos contrários aos da Multidão, agindo com base em afecções, desejos e políticas odiosas, violentas e de extermínio? Como a Multidão enfrentará discursos e pulsões de ódio como os de trumpistas, bolsonaristas e demais formas de extremismos ao redor do mundo?

Em terceiro, outro conjunto de problemas surge ao contrastar a teoria de Preciado com as teorias de Butler (2017) e Cano (2014). O entusiasmo por novas ontologias e políticas emancipatórias é louvável, mas há outro risco presente no processo de coletivização multitudinária: como se deverá agir quando, frente aos movimentos de resistência e emancipação, o sujeito, xs outrxs, sentirem que as suas próprias existências estão sendo ameaçadas? Se a dominação é tão profunda, a ponto de sujeitos-individuados trocarem sua subordinação por qualquer nível de reconheci-

mento, como proceder quando estes mesmos sujeitos decidirem ignorar estes manifestos revolucionários para permanecer na ilusória “salvaguarda” dos regimes de dominação e exploração? Como pode o corpo explorado e esgotado ter o vigor necessário para resistir? É preciso considerar a possibilidade de se encontrar níveis críticos de *potentia gaudendi* e *endurance*, isto é, o vigor que nutre e sustenta os processos de metamorfose e resistência. Quais são as práticas necessárias para recuperar este vigor?

Por último, este artigo não se pretende conclusivo, se limita a uma imersão ontológica e política nas concepções abordadas e, devido a isso, indica como futura linha de investigação uma análise acerca das ficções ontopolíticas pensadas por Preciado, buscando esclarecer o seu impacto na realidade manifesta cotidianamente, de modo factual e performativo. Aliás, embora esta distinção seja muito tênue, se compreende que as teorizações de Preciado são mobilizadas pelas práticas e não ao contrário, embora o próprio autor destaque a urgência de renovar estas práticas de resistência e produção de modificações significativas. Ao longo do artigo foram enumeradas diferentes práticas, que foram identificadas nos diferentes campos fenomênicos da realidade, para então serem teorizadas e descritas pelo autor como caminhos de continuidade, coordenadas para se pensar-com e pensar-além, sobretudo a partir das experimentações, da reparação sensorial e do cuidado para consigo e com xs outrxs.

Referências

- Butler, J. (1987). *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*. Columbia University Press.
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11ª ed. Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2017). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Autêntica Editora.
- Butler, J. (2019). *Corpos que Importam. Os limites discursivos do “sexo”*. N-1 Edições e Crocodilo Edições.
- Butler, J. (2021a). *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Editora Unesp.
- Butler, J. (2021b). *A força da não violência: um vínculo ético-político*. Boitempo.
- Butler, J. (2022). *Desfazendo gênero*. Editora Unesp.
- Cabral, M. (2007). Hibridaciones. De la diferencia sexual a las prótesis sexuadas. En, Brunsteins, P. & Testa, A. (Org.) *Conocimiento, normatividad y acción*. FFyH-UNC.
- Cabral, M. (2008). Salvar las distancias – Apuntes acerca de “Biopolítica del género”. En, *Biopolítica*. (pp. 123-139). Ají de Pollo.
- Campagnoli, M. A. (2018). *Preciados Feminismos: una lectura de Preciado para la antropología filosófica*. Universidad de Málaga.
- Campagnoli, M. A. (2016). Feminismos descentrados: Paul B. Preciado leído desde América Latina. *Revista Nueva Sociedad*, 265, 89-102.

- Cano, V. (2014). ¿Cómo hacer(se) un corpus teórico? Consideraciones tecno-bio-grafo-políticas de las tecnologías del nosotrxs. Em Cragnolini, M. (Comp.). *Extraños modos de vida. Presencia nietzscheana en el debate en torno a la biopolítica*. Ediciones La Cebra.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2011). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. 2ª. Ed. Editora 34.
- Gilbert, S. F., McDonald, E., Boyle, N., Buttino, N., Gyi, L., Mai, M., Prakash, N., & Robinson, J. (2010). Symbiosis as a source of selectable epigenetic variation: taking the heat for the big guy. *Philosophical transactions of the Royal Society of London*. Series B, Biological sciences, 365(1540), 671–678. <https://doi.org/10.1098/rstb.2009.0245>.
- Haraway, D. (2021). *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Bazar do Tempo.
- Hardt, M. & Negri, A. (2014). *Multidão*. 4ª. Ed. Record.
- Lazzarato, M. (2006). La Máquina. *Transversal*. <https://transversal.at/transversal/1106/lazzarato/es>.
- Lazzarato, M. (2010). Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo. *Cadernos de Subjetividade*, 12. 168-179. <https://doi.org/10.2354/cs.v0i12.38458>
- Lazzarato, M. (2019). *Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. N-1 edições.
- Mombaça, J. (Monstra Errátika). (2016). Para desaprender o queer dos trópicos: desmontando a caravela queer. *Médium*. <http://bit.ly/2O8Mw84>.
- Münchow, C. Z. (2018) O cu (de) Preciado: Néstor Perlongher e o Santo Daime. En, A.M. Gomes, A.F. Reis, & V. Silva. (Org.). *Diálogos sobre Gênero e Sexualidade*. Life Editora.
- Negri, A. (2007). El monstruo político. Vida desnuda y potencia. En, G. Giorgi & F. Rodríguez. (comps). *Ensayos sobre biopolítica. Excesos de vida*. Paidós.
- Patzdorf, D. (2022). *Artista-educa-dor: a somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental(izado)*. [Tese de Doutorado, USP]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.27.2022.tde-26092022-105051>.
- Pereira, P. P. (2012). Queer nos trópicos. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, 2(2), 371-394. <http://bit.ly/3ZIkq31>.
- Preciado, P. B. (2005). Savoirs_Vampires@War. *Multitudes*, 1(20), 147-147. <https://doi.org/10.3917/mult.020.0147>.
- Preciado, P. B. (2008a). Pharmaco-pornographic Politics: towards a new gender ecology. *Parallax*, 1(14), 105-117. <https://bit.ly/3CIBahf>.
- Preciado, P. B. (2008b). Biopolítica del género. En, *Biopolítica, Ají de Pollo*.
- Preciado, P. B. (2011). Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, 1(19), 11-20. <https://goo.gl/iGF9Ce>.
- Preciado, P. B. (2014). *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. N-1 edições.
- Preciado, P. B. (2018a). *Testo Junkie. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. N-1 Editora.
- Preciado, P. B. (2018b). *Countersexual manifesto: subverting gender identities*. Columbia University Press.
- Preciado, P. B. (2019). *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Editora Zahar.
- Preciado, P. B. (2020a). *Pornotopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia*. N-1 edições.

- Preciado, P. B. (2020b, 28 de mar.). Aprendendo com o vírus. *AGB Campinas*. <https://bit.ly/3aYHKkB>.
- Preciado, P. B. (2022). *Dysphoria mundi*. Editorial Anagrama.
- Radi, B. (2015). Desfundamentos e pós-fundações. Revoluções conservadoras, tecnologias de apropriação e apagamento de corpos e subjetividades trans na obra de Preciado. *Sexualidades – Série monográfica sobre sexualidades latino-americanas e caribenhas*, 12, 1-27.
- Robertson, R. (1992). *Globalisation. Social theory and global culture*. Sage.
- Rolnik, S. (2018). *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. N-1 edições.
- Rucovsky, M. De M. (2016). *Cuerpos en escena. Materialidad y cuerpo sexuado en Judith Butler y Paul B. Preciado*. Editorial Egales.
- Sacchi, D. (2019). *Ficciones patógenas*. Rara Avis.
- Simondon, G. (2020). *A individuação à luz das noções de forma e informação*. Editora 34.
- Stamets, P. (2005). *Mycelium running: how mushrooms can help save the world*. Ten Speed Press.
- Tsing, A. (2015a). *The Mushroom at the End of the World. On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton University Press.
- Tsing, A. (2015b). Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *ILHA – Revista de Antropologia*, 17(1), 177-201. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p117>.

AUTOR

Bryan Axt. É Mestre e Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR, Brasil). Organizador, com Martin De Mauro Rucovsky, do livro *Metafísicas sexuais. Canibalismo e devoração de Paul B. Preciado na América Latina*.

DECLARAÇÃO

Conflito de interesses

Não tenho nenhum conflito de interesses a declarar.

Financiamento

Nenhuma assistência financeira das partes fora deste artigo.

Agradecimentos

Agradeço a Mabel Campagnoli e Anabella Di Pego pelo convite para contribuir com este dossiê. E agradeço especialmente a Martin De Mauro Rucovsky pela leitura e comentários instigantes.

Observações

O artigo não foi submetido a outra revista e não foi publicado anteriormente.